



Gaiato



Quinzenário • 4 de Abril de 1992 • Ano XLIX — N.º 1254 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Autoconstrução

Com tão pouco os Autoconstrutores são capazes de fazer muito!

OS Pobres que se habituaram ao pão de cada dia, ganho com muito suor, estão preparados para enfrentar soluções difíceis para o problema da sua habitação. Eles querem ter o seu lar. Basta estender com dignidade a mão e agarrar na deles para avançarem. Com tão pouco são capazes de fazer muito!

Estou a lembrar-me do casal jovem que tinha o seu filhinho. A viver apenas num quarto, não podia gerar mais. E queria ter mais filhos. Esta foi a razão forte da consciência para bater à porta do pároco e, de seguida, à nossa. Com a casa parada por falta de dinheiro para a acabar, bastou o *sim* do *pequeno auxílio* para cantar um hino à vida e retomar a iniciativa de ir até ao fim.

Trata-se, pois, dum problema prioritário que as autarquias, sobretudo a nível rural, poderiam ajudar a resolver, criando um fundo para esse fim, donde sairia a migalhinha portadora do estímulo e interesse dos que foram escolhidos para zelar o bem das suas gentes.

A Igreja, nas suas paróquias, deve caminhar à frente ou, pelo menos, não ficar para trás. Que tristeza, se a Mãe não acompanha os seus filhos que querem andar, mas não o podem fazer sozinhos!

Porque há uma sensibilidade muito grande ao problema da falta de habitação, a Igreja também é vista por este ângulo. A sua credibilidade cresce e convence na medida em que vai ao encontro desta necessidade urgente.

O amor é inteligente. Inventar os meios mais adequados aos ambientes mais diversos. É preciso, sim, que a Fé das comunidades seja animada pela Caridade. Não há dúvida de que o cuidado pelos mais aflitos é o sinal claro, para os não crentes e os que acreditam, de que Jesus está vivo e a Igreja é necessária.

Padre Manuel António



Na Casa do Gaiato de Maputo (Moçambique) — como em todas elas — o fundo do tacho fica sempre para os mais pequenos

Moçambique

Presenças

Faz hoje um mês que o Jaime partiu. Celebrámos por ele, com razoável participação do povo. Os nossos rapazes cantaram bem. É a melhor participação que eles ainda podem dar. Qualquer dia haverá muitos baptizados. Esperávamos a presença de antigos

gaiatos, mas chegaram tarde por falta de transporte. Foram todos de tractor para a fazenda, a fim de prepararem o almoço de convívio. Muito aprimorado o serviço da noiva do Zé Manel e do Victor grande. Tivemos também a presença de um casal jovem, amigo

Continua na página 4

Setúbal

Foi uma noite de luz a de 25 de Março!

Entregámos a casa ao Stromex e à sua esposa!

Arrancámo-los definitivamente da sepultura viva em que vegetavam e demos-lhe uma morada digna para viver!

Os gaiatos, durante uma semana, pintaram a casa por dentro, mudaram o chão da sala, de alcatifa para mosaico cerâmico e o do quarto para cortiça. Foi obra do Sebastião e do Paulo Marco.

Se contemplasses o entusiasmo, o zelo e alegria com que os rapazes trabalharam por sentirem a obra que faziam, darias por muito bem empregue o sacrifício das tuas dádivas! Só por isso valia a pena!

Estas lições que os rapazes dão e recebem, produzem-lhes na alma marcas indeléveis de caridade! É o Evangelho em acção. São sermões que produzem irresistivelmente os seus frutos. Os primeiros beneficiados são eles! Oh experiência ímpar de anunciar a Salvação!

No sábado, os mais responsáveis da Associação dos Antigos Gaiatos foram com suas esposas limpar a casa, pôr a mobília, estender a cama, alindar o ambiente com toalhas, flores e jarras. Eles e elas transpareciam um júbilo arrebatador! Gozavam pelos Pobres o gosto de uma casinha e sentiam profundamente a palavra que Jesus lhes há-de dirigir um dia: — Vem bendito(a) de *meu Pai*...

Continua na página 3

Chover no molhado

NÃO sei como sucede em outras nações, mas entre nós verifica-se com demasiada frequência uma multiplicação de cuidados prestados a um problema real enquanto multidões de outros aguardam quem se debruce sobre eles no propósito de os resolver.

O «Fiúza» tem 12 anos. Está connosco desde o princípio deste ano. Arrasta uma história pesada de caos familiar e de entrega à escola da rua onde se aprende muita coisa que não ler, escrever e contar, no que, presentemente, ele se está iniciando. Seguido há dois anos por autoridades locais, porque os pais não queriam, porque o rapaz lhes escorregava das mãos como uma enguia, só agora o Tribunal de Setúbal o confiou à Casa do Gaiato. E como não era viável a estabilidade dele à beira das ruas onde fora «rei», veio para Paço de Sousa. Do seu *curriculum* prevíamos uma adaptação difícil. Mas a verdade é que o rapaz

depressa se afeioou à nova situação e tem tido comportamento razoável.

Uma manhã destas apareceu um carro e duas senhoras que, vendo-nos ocupados com um grande grupo de jovens visitantes, nem se apresentaram. Voltaram após o almoço e então sim. Pertencem ao Instituto de Reinserção Social e vinham com papel e caneta saber novas do rapaz. Pelos vistos não conheciam dele mais do que a sua existência, posto haja, certamente, um processo bem informado que levou o Tribunal à decisão de no-lo confiar. A situação é pois: um problema real em vias de solução. O moço está inserido nesta comunidade; frequenta a 1.ª classe; além da Escola, ocupa-se em trabalhos domésticos; nestes três meses revelou-se sociável e nem manifestou (o que no princípio acontece em tantos casos!) sinais de saudades da vida «sem rei nem roque» que lhe proporcionava a sua liberdade-libertina. Está inserido, pois. Daqui

até à sua reinserção na sociedade em grande, o que falta, meu Deus! Quantos «cabos de tormentas» ele e nós não teremos de dobrar...! E até não é improvável que, em razão do seu atraso e de possíveis dificuldades escolares, ele chegue à idade de lançar-se na vida menos bem dotado para a luta que ela implica. Então, sim, será a altura de contarmos com serviços de reinserção social que dêem a mão e o ajudem e nos ajudem a pô-lo a voar por si. Agora, com tantos jovens e crianças, caídos ou em risco de cair na marginalidade, cujos problemas ainda não estão em vias de solução, ver estas duas senhoras e um carro perdidos, decerto um dia inteiro, para acrescentar mais uns papéis aos que estão escritos do «Fiúza», que está já em caminho — dê-lhe Deus força para percorrê-lo! — deixa-nos pensativos e tristes perante a improdutividade das nossas estruturas sociais.

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

PROMOÇÃO SOCIAL — Íamos apressados. Mas refreámos o ímpeto. O caso não era para menos e as boas notícias são de registar.

Uma doente crónica, melhor doutros achaques, poderia continuar a estender a mão. Todavia, respirando um pouco de alívio, põe a trouxa às costas e segue para a venda ambulante!

Topámo-la, algures, sem dar fé de nós. Melhor assim! Era um parque ajardinado numa casa de la-voura. As clientes revolviam mercadorias e a vendedeira utilizava sua técnica com sabedoria. Mostrava produtos. Esclarecia. Indicava preços. Momentos deliciosos! Mais deliciosos porque a acção vicentina ocupava o seu lugar na hora própria. Do concerto da casa a tudo o mais.

Agora, sem ninguém forçar, a mulher ganha já o pão de cada dia por suas próprias mãos!

Damos graças a Deus. Mais ainda porque o serviço de apoio comunitário não é distribuir ou manter esmolinhas, mas, da melhor forma, procurar a promoção social dos Pobres em todo o sentido.

Vem a propósito acrescentar que, neste momento, o tesoureiro alerta para um Autoconstrutor que deseja sair dum baraco para a sua nova casa, podendo assim viver dignamente, ele e a família, e precisa de ajuda imediata. Discretamente, lá foi entregar àquela gente o apoio indispensável, anunciando a antecipada *ressurreição!*

PARTILHA — Cheque da «Avó de Sintra» com hino de louvor à Providência: «Deus ainda permite que, mais uma vez, vos diga que não esqueço os vossos Pobres!»

A remessa habitual de «Manuel de Braga» — «para as Viúvas». E um desabafo: «Tenho demorado porque estou desempregado». Acto heróico!

Vultoso cheque da assinante 26306, do Porto, para distribuímos «por algumas famílias necessitadas».

O costume, da assinante 32517, de Lisboa, «com muito atraso, muita inércia... É a minha ajuda mensal desde Agosto. Nunca me atrasei tanto, pois ando a passar uma fase difícil!» Peçamos ao Senhor pelas suas intenções.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

JOSÉ «CAROCHA»



Sou o José Raúl Ferreira Teixeira, conhecido por José «Carocha».

Vim de Angola para a Casa do Gaiato porque a minha mãe morreu e eu fugia da Escola. O meu pai não podia sustentar-me.

Nun domingo, o meu tio apareceu lá em casa e falou com o meu pai. Disse que viveu com o Padre Manuel e trouxe-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Todos me receberam bem. Eu gosto de estar cá.

Quero ser camionista.

José («Carocha»)

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

SOL E SECA — Prejudica principalmente a agricultura, mesmo na nossa Aldeia, a produção e a qualidade dos produtos agrícolas. Por enquanto os nossos agricultores e vaqueiros não se encontram aflitos, mas a água já está a escassear.

Temos esperança que venham dias melhores, com chuva, neste mês de Abril, como diz o provérbio: «Abril águas mil».

EXCURSÕES — São muitas nesta época, de tempo ameno, apesar de ainda estar a começar a Primavera.

Estas excursões (de Braga, Ovar, Trofa e Oliveira de Azeméis) foram só de jovens, de ambos os sexos, em passeios escolares.

Agora vamos olhar, durante cinco minutos, as flores das árvores e dos canteiros dos jardins. Dar vida à nossa alma poética!

Paulo Alexandre («Rambo»)

MIRANDA DO CORVO

BATATA — Os rapazes aproveitaram as férias do Carnaval para semear parte das batatas. Alguns trabalharam no campo onde era a vinha. Uns punham adubo; outros, batatas no rego; e os mais velhos, com as enxadas, seguiam atrás a tapar os regos do tubérculo. Todos eles muito bons trabalhadores.

AULAS — Estão a ir bem. Agora, nas pequenas férias de Carnaval brincaram (a malta gosta do Carnaval!): os que quiseram, no domingo, foram a Miranda do Corvo ver o cortejo.

Já começaram outra vez as aulas. Espero que aproveitem o segundo período escolar.

VISITAS — Fizemos uma festa com antigos gaiatos, de todas as Casas do Gaiato. Preparámos quatro leitões para a refeição. A Missa foi às 11 h. No fim, o almoço. A malta comeu bem e o que sobrou foi servido à noite.

Recebemos também um pequeno grupo de cinco escuteiros. Tiraram muitas fotografias e dormiram cá. Só no domingo à tarde se foram embora. Veio ainda uma família amiga. Sete irmãos e a mãe. Eram vinte pessoas. Foi um dia de festa!

Frederico

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há dias chegou um S.O.S. de Irmãos nossos a precisarem da nossa visita. Fomos por lá ver o que se passava. Mas que miséria!... Casais idosos com filhos a morar em sítios miseráveis. Casas a cair de podres, a ponto de termos medo de lá entrar. Mas eles não. Moram lá. Um apenas sai quando o lá vão buscar. Mesmo assim tem de pagar a quem o leva.

Ficámos com os olhos arrasados de lágrimas quando passámos por um rapaz novo com a porta aberta para trás. Deitado numa enxada (como diria Pai Américo), cor da morte. Fez-nos impressão. Dias depois voltámos. A porta já estava fechada, que o Senhor teve compaixão dele.

O casal que conhecemos de novo é doente. Ela com o corpo deformado pelos tratamentos de diálise que faz de três em três dias. Nessas alturas, fica de tal maneira que é preciso os filhos levá-la ao colo. Ele já acamado, há um ano, e ainda não é reformado. Segundo contou a esposa, teve um derrame cerebral quando soube da boca do médico que nunca mais poderia trabalhar, pois era um homem trabalhador. Precisam dar-lhe de comer, virá-lo, algalá-lo — e tudo o mais. Não conhece ninguém. Mas, por vezes, tem momentos lúcidos. Então, chora. Não de dores, mas por se ver naquele estado, sem poder olhar pela família. Homem responsável.

Temos a impressão que o mesmo acontece connosco, mas não por doença. Andamos para aí na nossa vida do dia-a-dia. Cruzamos uns com os outros.

Por vezes nem olhamos para o lado. Mas quando deparamos com estes casos, temos mesmo de parar e chorar com eles.

Perguntámos à senhora Maria como é que consegue olhar pelo marido, assim tão deformadinho?... Respondeu: — Enquanto os filhos estão desempregados é que vão ajudando. Dos nove que o casal teve, quatro ainda estão debaixo das suas telhas.

A casa onde moram é mais um grande salão antigo, dividido em quatro partes com tábuas de cai-xotes de sabão. Janelas para a rua. Apenas uma varanda sem vidros tapada com tábuas velhas. Já não basta o negrume das doenças, têm mais o negrume da casa.

O casal falou das necessidades. Já levámos uma cama, pois um dos filhos dormia no chão.

Na última reunião lamentámos o facto de termos muitos Pobres e começar a faltar tempo para conversarmos um pouco nas visitas domiciliárias. De facto, a nossa vida já não permite ter o tempo que desejaríamos para lhes dedicar. Muitas vezes acontece chegarmos, deixarmos a nossa ajuda e despedirmo-nos. Que o Senhor nos perdoe. Mas necessitam de desabafar. Nós, do seu testemunho. Vamos ver se conseguimos tirar mais umas horazitas ao nosso descanso semanal.

Que o Senhor nos continue a dar saúde, e aos nossos Amigos, para irmos em socorro destes e outros casos. E para que isso aconteça, é necessária a vossa partilha.

Chegou-nos, às mãos: 20.000\$, de Esmeraldina, de Sever do Vouga. Um vale de correio de 5.000\$, de Maria Bernardete. J.R.D. ajuda com 2.000\$. A nossa amiguinha do costume — Leonilde, de Mafra — marca mais uma presença com 7.000\$. Que o Senhor Deus a proteja, no regresso à Holanda. De um anónimo, 3.000\$. Uma amiguinha, da Póvoa de Varzim, com palavras amigas, cheque de 5.000\$. Pedimos a Deus pela sua mãezinha. Maria do Carmo, 5.000\$. Outra vez J.R.D. com 2.000\$. Artur Gonçalves, cheque de 2.000\$. 5.000\$ de M. M., do Porto. Para todos, o nosso muito obrigado.

Com a entrada de mais Pobres que precisam de ajuda, aumenta a despesa. Pedimos a Pai Américo que interceda por nós, junto do Pai do Céu, para que o ano corrente não seja negativo, como o de 1991. Não fora o saldo positivo de 1990 e estes Pobres — que agora passaram a ser nossos — continuaríamos abandonados.

Waldemar e Olga

TOJAL

LARANJEIRAS — Estão ainda com laranjas, mas já colhemos a maior parte. Podemos, agora, ver a flor que rebenta em força. Para o ano pensamos ter melhor colheita. A poda está quase concluída.

BATATA — Está semeada. Mas, com a generalizada falta de água, veremos se nascerá um bom batatal.

JARDINS — Estão a florir. No entanto, com a seca, temos receio que o nosso rico jardim ainda não seja este ano que despotará com força.

FESTAS — As nossas Festas estão a sair para fora, no último fim-de-semana de Abril e durante o mês de Maio. Depois de tanto batalhar, os números estão prontos e os «actores» ansiosos

de voltar à vossa companhia amiga. Esperamos por vós. No próximo número daremos locais e horas.

FUTEBOL — Defrontámos uma velha equipa, já nossa conhecida. Um pouco desfalcados, estivemos sempre a perder por um golo. E, no fim, houve um resultado justo para ambos os lados: 3-3.

Luís Miguel Fontes

Dos antigos Gaiatos de Malanje

Dando a notícia do nosso último Encontro, escrevemos n' O GAIATO de 21/9/91 a seguinte frase: «Um grande almoço que ainda se tornou maior quando, mais tarde, chegaram o Padre José Maria, Jaimito e esposa e mais uma Irmã que vão reabrir a Casa do Gaiato de Moçambique».

Como Deus, na Sua infinita sabedoria chamou o Jaimito, leva-nos a reflectir um pouco sobre o passamento: ele era um exemplo de dedicação e lealdade à Obra da Rua, a Pai Américo e ao Padre José Maria. Sobretudo, um exemplo para todos nós.

A água que tanto clamava para salvar o milho que semeou, vai brotar e regar também outras gramíneas, leguminosas, hortas, pomares e, então, surgirá o verde que desejava para as crianças de Moçambique.

Simple homenagem que expressa a nossa grande fraternidade.

Manuel Fernandes

Cantinho das Senhoras

Seguirei o meu caminho

Há uma canção que diz: «Como uma árvore que cresce, seguirei o meu caminho».

Sinto-me um pouco assim. Na medida em que minhas raízes se vão tornando um pouco mais sólidas, consigo estar um pouco mais disponível para os Outros — através dum conhecimento pessoal que me dá a medida exacta das minhas limitações e me conduz à confiança no Pai que, se quiser, poderá fazer maravilhas em mim.

Isto tem tido influência na minha forma de estar na vida. Aos 18 anos, tornou-se claro o objectivo desta: «Ser mãe de crianças sem mãe». Como? Onde? Foi um caminho a percorrer que me conduziu ao Calvário. Estive ali três anos e meio sentindo-me muito feliz no meio daqueles a quem chamo «florinhas exóticas». Muito limitados a nível físico e intelectual, são pessoas maravilhosas que na sua simplicidade cativam quem com eles contacta. Comprovam-no muitas pessoas que ali vieram passar alguns dias e para quem, mesmo passado muito tempo, o Calvário continua presente como uma vivência muito especial. No decurso desta caminhada, encontro-me, há poucos meses, em Paço de Sousa. Tem sido uma fase muito linda, onde a vida se aprende, vivendo. De início não foi fácil, sentia-me incapaz de dar o que eles precisam. Mas o segredo é sempre o mesmo: ficar calma e serena e, se o Senhor quiser fazer alguma coisa, através de mim, Ele o fará.

Estou agora de partida para Angola — Casa do Gaiato de Benguela. Sinto que é aí que a minha árvore, já mais crescida, com a seiva que tem absorvido nos locais por onde passei, pode dar mais frutos.

Peço oração, seiva fresca e renovadora, para que possamos ser sinal de esperança, testemunhas do Amor do Pai no seio desse povo.

Teresa

Ecoss d'África

Solidários

A Comunhão dos Santos obriga-nos a ser solidários. É a linguagem da Fé e a daqueles que se movimentam na órbita da mesma. Um crente há-de ser, necessariamente, um impelido por Aquele em quem acredita, para a todos acolher, pedir e perdoar; animado pelo Amor universal, sabe estar, no momento oportuno, onde o mais fraco o espera, o mais pobre o acolhe, o mais abandonado lhe pede socorro.

A Obra da Rua não quer outra dinâmica. Não se entende doutra maneira. Que bom é Padre José Maria e a Quitéria darem notícias certinhas de como vão realizando o projecto de Deus, incarnado no meio do povo moçambicano a quem tudo falta. Que bom para todos nós acompanharmos, desde o princípio, este passo escandaloso da Obra da Rua quando, naturalmente, as circunstâncias aconselhavam o

contrário! E do planalto de Malanje, Angola, Padre Telmo canta hinos às plantas e às flores, à reconciliação e à paz, enquanto olha os buracos da «sua Aldeia». Que contradição?! Não. É o crente apaixonado diante do caos social que tem diante dos olhos, e sabe que pode ser luz — ainda que pequenina — alimentada pela generosidade do Quim e do Júlio da Silva, da D. Guiomar e daqueles que criou e agora o ajudam.

A Comunhão dos Santos obriga-nos a ser solidários. Assim é. Assim tem sido: «Foi com grande alegria que li no nosso jornal a notícia da reconstrução das Casas do Gaiato de Angola e Moçambique. Que Deus vos ajude em tão árdua tarefa. Como deve estar feliz Pai Américo...!» E as «Anónimas de sempre», depois das contas feitas com O GAIATO, gostariam que o restante fosse aplicado na reconstrução das Casas de Angola e Moçambique.

Outros sinais

Outros sinais vão chegando: «Como professora que sou, O GAIATO serve-me muitas vezes de séria meditação para os momentos em que preciso de espiritualizar os pontos mais frustrantes da minha vida profissional. O que estão a fazer em África e os passos que vão dando, na reedificação da Obra truncada, também me tem despertado muito interesse e trazido grande alegria...»

Quanto mais largos são os horizontes, mais admiradas ficam as pessoas. Com esta atitude, a generosidade revela-se e o compromisso ganha forma: «Tenho seguido com admiração e entusiasmo a reabertura das vossas Casas de Angola e Moçambique. A semente permanecera lá, 'hibernada', nestes longos anos de guerra com todos os sofrimentos inerentes. A semente ressurgiu... E, de novo, com o vosso trabalho, entusiasmo e dedicação, o Ideal da Justiça e da Caridade voltou firme como sempre e será certamente compreendido e aceite».

As pessoas sonham, alegram-se e participam, como parte integrante, que querem ser, dum projecto que necessita de bases na rectaguarda para apoio indispensável a quem coube estar na frente. Quando tal acontece,

só pela infidelidade pode desmoronar o edifício. De mãos bem dadas e almas bem unidas seguiremo-nos uns nos outros.

«Envio cheque para que seja dividido entre Angola e Moçambique. É o próprio Senhor que bate no coração de cada um de nós. Somos chamados a partilhar, seriamente e sem demora, a favor dos irmãos que morrem de fome.»

Bem me apetece revelar toda a carta, mas já que não permite, vai apenas um bocadinho: «Das economias que minha filha deixou, venho pois oferecer à Obra da Rua a quantia de X. Agradeço a sua melhor atenção para o seguinte: «Tenho um empenho especial em que esse dinheiro se destine integralmente às obras das Casas do Gaiato de Angola e Moçambique». Se assim não fosse como havia de ser? De início, há-de ser a mãe a ajudar, enquanto não se puder esgravatar e comer o fruto do trabalho, que esta é a lei.

Luz sobre o alqueire

Mais pessoas admiradas e alegres: «Como o nosso jornal é grande e nos enche! Um milagre já estarem novamente em África!» Compreendo, mas o milagre dá-se quando estamos atentos aos sinais que a história vai emitindo, conduzida amoro-

samente pelo Senhor da história.

«Desejamos incorporar-nos na procissão das vossas Casas de Angola e Moçambique, pois somos dois velhos com 80 anos — eu e minha mulher. É muito pouco, sabemos, mas os recursos são bastante reduzidos, pois só tenho a minha pensão de comerciante antigo. Grato ficaria se este cheque, pequeno na importância mas grande na vontade, fosse distribuído por Angola e Moçambique.» É a Comunicação dos Santos onde não entra o mais nem o menos, o muito ou pouco, o pequeno ou o grande, mas o que nasce do coração.

Estas coisas vêm no jornal não para que alguém se envaideça ou se engane, mas como luz que se põe sobre o alqueire para que todos possam ver e amem.

«É sempre com grande entusiasmo que leio o vosso jornal, pois é sempre actual a sua mensagem, e procura despertar em todos nós um maior desejo de serviço. Que grandeza todos os que partiram para Angola e Moçambique! Que Deus os ajude a fazer renascer e a plantar a semente do Amor!» Falar assim é pôr-se muito alto. Não somos capazes de subir tanto. Basta-nos o «não fizestes mais do que o vosso dever», do Evangelho. É o lugar dos servos e quem se atreve a dar estes passos há-de ter coração de servo para entender e amar a missão!

São mensagens tão lindas que nos chegam!

Padre Mnuel António

Chover no molhado

Continuação da página 1

Como fariam bem as experiências fora dos gabinetes!

DI A seguinte esperávamos dois irmãos-zinhos da Brandoa. Pelo telefone, fora-nos mesmo pedida, com muita simplicidade, a partilha do nosso almoço pelas pessoas que os trariam.

Passou a hora... e nada. Era o meio da tarde quando apareceu o carro do COAS de Lisboa. Que acontecera? Manhã cedo as acompanhantes dos pequeninos estavam na barraca para os trazer, mas a mãe, que estava avisada, tinha saído com eles. Aí começa a luta. Depois de uma procura infrutífera nas proximidades, pela informação de vizinhos e auxílio da Polícia, vieram a saber que estariam na consulta externa de um hospital de Lisboa. Para lá se dirigiram e ali os encontraram. Agora a luta agudiza-se. A mãe não os quer entregar. A multidão, em espera de consulta, divide-se: uns pela mãe, «coitadinha», que lhe querem tirar os filhos; outros pelos meninos, «coitadinhos», que a mãe não quer libertar. Foi preciso chamar o 115 e, com a intervenção da Polícia, os pequeninos sempre vêm. Era quase uma hora da tarde quando a tempestade amainou e puderam arrancar rumo a Paço de Sousa. Por isso apareceram só a meio da tarde.

Embora acaloradas pela refrega da manhã e pela corrida da tarde, as duas senhoras vinham contentes. Decerto raramente terão experimentado uma batalha assim, em campo aberto, fora dos gabinetes, longe dos papéis. Mas o sabor a êxito da sua operação libertadora compensava-as da dureza do dia, do jejum só àquela hora quebrado — vinham contentes.

Eu também fiquei contente: por elas e por aqueles dois inocentes que se apertavam a mim, serenos, como se de há muito nos conhecêssemos e nunca tivesse sido senão este o seu habitat. E com um ânimo a 180º do da véspera, fiquei de novo pensativo: Como faria bem às Assistentes Sociais, aos Funcionários da Justiça, experiências destas, em campo, fora dos gabinetes, longe dos papéis...! E como é bom a gente ter por que dizer bem delas e deles... e das estruturas sociais em que se empregam!

Eu também fiquei contente: por elas e por aqueles dois inocentes que se apertavam a mim, serenos, como se de há muito nos conhecêssemos e nunca tivesse sido senão este o seu habitat. E com um ânimo a 180º do da véspera, fiquei de novo pensativo: Como faria bem às Assistentes Sociais, aos Funcionários da Justiça, experiências destas, em campo, fora dos gabinetes, longe dos papéis...! E como é bom a gente ter por que dizer bem delas e deles... e das estruturas sociais em que se empregam!

Padre Carlos

DOCTRINA



A criança ama a Justiça e quer a Verdade

- O «Zé Mau» encravou-me! Foi o caso que, havendo os médicos consentido finalmente na sua ida para o preventório e eu tê-lo conduzido para lá, o garoto passou palavra ao rapazinho da rua e este tem vindo até mim, em chusmas, num delirante e audioso «eu também quero ir». Chegam em ar de quem protesta: «Eu cá também sou fraco», diz um; «a minha mãe foi para o hospital e eu fiquei sozinho», berra outro; todos reclamam e barafustam. Já chegaram à afirmação de que o ter sombras nos pulmões é jóia de raro preço, porquanto com ela se compra um mês de delícias na Casa do Gaiato!
- A gente atende os protestantes, escuta suas súplicas e protestos, explica a posição do rapaz que foi e a verdadeira razão do seu ir. É necessário esclarecer, definir, dar ao garoto da rua Justiça e Verdade para que ele nos acredite e nos ame. O pequenino pretendente, assim despedido, sabe e sente que não é um escorraçado e que se fica em terra com pena de não ir, muito mais nós, de o não levarmos — e ama-nos.
- Chegado que foi o «Zé Mau» à quinta, armou logo tremendo sarilho e causou o castigo dos seus residentes: rasgou um postal do Mário, meteu o Aristides na bulha e foram todos castigados! Mas o «Zé Mau» não é mau; não há rapazes maus. Há dias, dei um pau de chocolate a um catraio da rua; horas depois encontro-o, faço-lhe meiguices e pergunto se gostou; tinha o chocolate na algibeira como eu lho dera. — É para a minha mãe! Não há rapazes maus. A tese passou por Coimbra, em fita; e tu foste vê-la mais eu, ao Tivoli. Fomos ver a Verdade. A Verdade é Deus. Anda o mundo tão afeito à mentira, que a Verdade o deslumbra!

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

Setúbal

Dar uma casa a um Pobre é um acto de culto novo

Continuação da página 1

porque eu não tinha casa e tu deste-ma!... Eu não sabia o que era a higiene, a limpeza, o asseio e tu ensinaste-me, sacrificando-te por mim!

Os rapazes do Lar carregaram a mobília e meteram-na dentro. O Hélder consertou os armários da cozinha e o José Arlindo ligou o esquentador, o fogão e o frigorífico. Tudo acabado. Tempo deduzido a seu descanso e lazer!

A casa situa-se no rés-do-chão de um grande prédio. O ambiente social é equilibrado, modesto, exigente! Os vizinhos são bons e generosos. Tem água e luz ligadas para fazermos limpeza e arranjos; os vizinhos ofereceram esta e aquela. Ambiente de fácil integração e dignidade humanas! Nada de segregação!...

No dia 29, os homens da E.D.P. e dos Serviços Municipalizados ligaram a energia e a água. Pagámos 11.845\$00. O Vilhena, presidente da Associação dos Antigos Gaiatos, tratou de toda a burocracia com a escritura e as ligações. Tudo com o seu tempo, o seu carro e a sua alegria em doação plena!

Dia 25 de Março a Igreja celebra a Anunciação do Senhor e a liturgia apresenta-nos a carta aos Hebreus marcando sintomaticamente àquele povo o anúncio de uma nova maneira de expressar a fé: (10-8,9) Tendo dito primeiro: «Não quiseste os sacrifícios, as ofertas e os holocaustos pelo pecado e não os recebeste com agrado, apesar de oferecidos segundo a Lei»; disse em seguida: «Eis que venho fazer a tua vontade». Aboliu o primeiro culto, para estabelecer o segundo.

Dar uma casa a um Pobre, condenado à

miséria é um acto do culto novo. Agradável a Deus — sem dúvida nenhuma.

Três esposas dos gaiatos prepararam na nova residência do Stromex uma refeição quente e todos os dirigentes da Associação se sentaram à mesa com o Pároco e o felicíssimo casal para celebrarmos, em banquete, a doação do andar.

Alegria a jorros no coração de todos! Ele e Ela, sempre de lágrimas a correr, encheram os nossos olhos de lágrimas também. Todos sentimos a Paternidade Divina de uma forma evidente. Rezámos o Pai Nosso várias vezes, devagarinho, e não nos cansávamos de o repetir. Deus estava ali naquela casa, conosco... abraçando-nos e beijando-nos!

Li os textos da Liturgia e fiz uma pequena homilia realçando a atitude de Jesus e a de Maria: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra».

Os rapazes escutavam. A palavra era viva, vivida e realizada. O coração abria-se-nos pela força irremovível da evidência. Falei da *Justiça de Deus!* Não fizemos mais que um acto de Justiça, que não acaba agora mas que irá continuar com o apoio, a vigilância e ajuda de todos vós, rapazes!...

Stromex promete dignidade e trabalho, a mulher da mesma maneira! Tudo a mudar para o Bem!

A Casa do Gaiato adiantou cerca de 1.500 contos. Espero que comungues com sacrifícios da nossa alegria.

- As nossas Festas estão a ficar prontas de ensaios. No próximo número já anunciarei datas e locais. Põe-te à escuta!

Padre Acílio

Malanje

Sinais de esperança

JÁ parece casa a nossa casa-mãe! No lugar dos buracos escuros, as janelas brancas. É um gosto vê-las! Elas são sinal de esperança. Revelam o «sim» no lugar do «não»; o gesto de criar, em vez de destruir; a paz, onde o sinal da violência. Pombas brancas de asas estendidas por debaixo dos beirais!

O Quim lá está, martelando... Nas horas de trabalho nem fala. O Júlio da Silva, na mesma. Já se vêem as linhas a sair da cabina de alta, em direcção à fonte... Daqui a oito dias teremos energia eléctrica. Muito nos tem ajudado o Delegado da Energia — sr. Carlito. Grande ajuda!

D. Guiomar arrumando roupas e plantando flores que embelezam e enchem o ar.

Eu calcando terra no rombo da lagoa com quatro rapazes. Já está fechada. As águas crescem um centí-

metro por hora. Ela tem que ser outra vez; faz parte da nossa história e entra na recordação de todos os malanjinos.

Estão connosco alguns rapazes que eram os mais pequenos («Batatinhas») em 1973. Dois, guardam a Aldeia; um, guia o tractor; outro, ajuda o Júlio da Silva; o mais velho orienta o campo.

Na próxima semana vamos trazer o cruzeiro de pedra... O nosso sinal — dominando os campos e entrando, insensivelmente, em cada coração.

Dificuldades? Vamo-las superando. A Casa de Paço de Sousa tem aguentado com as facturas maiores.

Alguns Amigos continuam a vir. Para sossego deles, digo que os cheques em meu nome — Casa do Gaiato, Caixa Postal 192, MALANJE, ANGOLA — têm chegado bem e é fácil cambiá-los.

As sanzalas, nossas vizinhas, receberam-nos com muita alegria.

Já plantámos batata doce e mandioca.

Um abraço nosso para todos os amigos Leitores.

Padre Telmo

ENCONTROS

EM LISBOA

Movimento Esperança e Vida

Fui convidado a passar parte de um domingo com o Movimento Esperança e Vida. Já tinha ouvido falar, mas não o conhecia por dentro. Sabia apenas a quem se destinava e, nos acasos do dia-a-dia, encontrara uma ou outra pessoa que se identificava com este Movimento.

Poucos momentos houve para a partilha, dado que se tratava de um género de recollecção ou retiro quaresmal. Breves trocas de palavras com esta ou com aquela, nos intervalos. Estavam cerca de cento e cinquenta senhoras e havia, entre elas, uma espécie de fraternidade, gerada numa dor comum. Umas mais novas, outras em idades mais avançadas, foram surpreendidas pela dura experiência do sofrimento causado pela perda do marido. Para muitas foi o desalento inicial, o não saber como continuar. Para outras, o momento de reencontrar novas energias e descobrir capacidades insuspeitadas, vencendo os medos,

lutando por si, pelos filhos e pelo futuro.

Dei graças a Deus por este Movimento nascido no seio da Igreja. Com ele a Igreja está presente na dor dos seus filhos, numa disponibilidade para escutar, amparar e ajudar a abrir os caminhos da Esperança. Ao celebrarmos a Eucaristia e ao partilharmos o Pão e o Vinho, ia sentindo a Paixão e Morte do Senhor, mas também a Sua Ressurreição presente naquelas mulheres sofridas, vivendo uma serena e confiante alegria.

Percebi aqui uma forma de a bondade de alguns. Estudou até à nona classe. Agora, ajuda o trabalho dos novos. Tem jeito para os pequeninos. Parece que nasce dele o que nestes anos todos não teve: carinho e interesse.

Veio ainda outro casal amigo, o Eng.º Francisco Soares que trouxe a sua família. Ele é, muito discretamente, a pessoa que mais se tem preocupado com a reabilitação das instalações da fazenda. Confiamos.

Criaditas dos Pobres

Fui também convidado a estar num momento de Festa e Celebração das Criaditas dos Pobres da Amadora. Creio que em todas as nossas Casas se encontram rapazes a pedido delas. Aqui, na de Lisboa, existem pelo menos seis. Este facto manifesta um certo caminhar conjunto da Obra da Rua e das Criaditas dos Pobres. São dois movimentos quase contemporâneos e nascidos de um mesmo palpitar do coração: o amor aos Pobres. Por isso, quando estou com elas, sinto-me em casa.

Desde novo me habituei a ver as Criaditas na cidade de Coimbra. Intrigava-me o seu andar por toda a urbe, o vê-las integradas na vida de uma paróquia e, muitas vezes, encontrava-as conversando com gente humilde. Pouco sabia, então, do seu trabalho. Hoje, dou graças a Deus pelo seu trabalho sempre discreto. Não andam em busca de soluções fáceis e vistosas. Mas, fiéis à sua vocação de viver em pequenas comunidades, pobres no meio dos Pobres, trazem no coração as famílias mais desfavorecidas dos meios em que foram chamadas a viver. Visitam, ajudam, amparam, acolhem, estão presentes com a sua alegria e disponibilidade no meio das famílias. É um serviço que não se nota muito. No entanto, se tivermos em conta que é no ambiente familiar, na casa ou na barraca do Pobre, que se jogam as esperanças ou as desgraças futuras, poderemos perceber a importância deste trabalho. Tenho para comigo que, hoje, a Igreja está bastante voltada para trabalhar para os Pobres, mas há pouca gente com os Pobres e a trabalhar com eles.

Neste contacto com as Criaditas invejei um pouco o seu trabalho simples. Senti nelas o grande desejo de

Continuação da página 1

do Jaime, que veio partilhar connosco o seu sentimento. Ele era querido de todos quantos o conheciam, pois há vinte e cinco anos foi dos primeiros vendedores d'O GAIATO na cidade e a primeira testemunha, agora, da alegria de muitos pelo nosso regresso. Um, ele não chegou a ver: o Victor pequeno. Apareceu na hora em que já tinha partido para Deus. Ficou connosco o pequeno Victor! Uma consolação que o Senhor me mandou. Durante todos estes anos, guardei a foto no meu livro de oração, na esperança de o encontrar de novo. Sem família, ficou órfão; sem ninguém que o amparasse, dependeu sempre de estudar, alimentar-se e dormir, da bondade de alguns. Estudou até à nona classe. Agora, ajuda o trabalho dos novos. Tem jeito para os pequeninos. Parece que nasce dele o que nestes anos todos não teve: carinho e interesse.

Veio ainda outro casal amigo, o Eng.º Francisco Soares que trouxe a sua família. Ele é, muito discretamente, a pessoa que mais se tem preocupado com a reabilitação das instalações da fazenda. Confiamos.

Uma vida diferente

A adaptação dos rapazes a uma vida diferente é trabalho para muito tempo. E ninguém, até hoje, torceu o nariz ao que lhe é distribuído.

Mozambique

Mas que todos a façam bem, ainda demora. Alguns são esmerados por intuição. Outros, preguiçosos e trapalhões. Mas não têm culpa. Já todos descobriram o gosto de viver aqui. O resto virá com a persistência. Só o Naftali e o Zézinho não fazem nada, mas ocupam toda a gente. O primeiro entende alguma coisa de português. A pele dele já vai amaciando e renovando-se. Demorou a abrir-se. Agora é um concorrente ao colo e ao carinho, a toda a hora, que o outro está por perto. O Zézinho não sabia uma palavra de português e repetia, sem entender nada, tudo o que se lhe dizia. Agora, quinze dias depois, já nos surpreende com frases que não sabemos como aprendeu, tal a vida que pulsa nele e a ânsia de carinho. São quatro anos buliçosos e alegres. Que pena se um dia deixa de ser assim!

Esteve connosco o Cardeal D. Alexandre. Não conhecia a Massaca. Creio que verdadeiramente por medo de chegar aqui. Gostou e prometeu voltar para celebrar com a pequena comunidade católica da vizinhança. Não temos ainda capela. Será ao ar livre, na grande Catedral da natureza. Como retábulo, a aldeia com as suas casas de capim a cair aos pedaços.

Padre José Maria

Tribuna de Coimbra

Boas lições

Gosto sempre muito de ouvir o Abílio a apresentar planos de trabalho para o dia seguinte. Planos de vida e de esperança.

Podia não ser assim. Podia ficar no seu cantinho a lastimar-se da doença, das dores, das muitas limitações que sente. Mas não. Reage com coragem e sente-se feliz.

Ele faz parte de uma família atingida pela «doença dos pésinhos». Dois dos irmãos já partiram. Ele, com as canadianas e o triciclo, vai lutando com valentia.

Os tractores e máquinas agrícolas são a grande ocupação do Abílio. Faz trabalhos maravilhosos na agricultura desta região. Está sempre pronto. «A trabalhar é que me sinto bem» — diz ele muitas vezes.

O Abílio, com a sua simplicidade, é amigo de toda a gente e sente também a amizade de todos. Todos gostam de o convidar para as festas de família.

Fico muitas vezes a olhar, ao vê-lo partir numa das máquinas. É um artista. A paciência dele a comer no prato só aquilo que pode comer. A mansidão nas horas seguidas em que se vê estar mal. Sempre atento!

Fico muito contente quando o vejo entrar na sala à hora de rezarmos o Terço. O auxílio do Senhor Deus e da Mãe do Céu ajudam a dar sentido à vida muito limitada do Abílio. Colhemos todos boas lições que ele nos dá.

A insuficiência dos Tribunais

«A festa de domingo foi por nós sairmos da cadeia e voltarmos cá p'ra Casa.» Foi

assim que um dos três viveu o dia cheio do domingo passado.

A festa não foi por causa deles, mas podia ter sido. Vivi este dia com muita gratidão ao Senhor por voltarem e pedi-Lhe que os ajude a mudar a vida para melhor.

Senti bem dentro do coração o desabafo da vergonha que sentiam ao entrar em nossa Casa — que assaltaram várias vezes. Mas quiseram vir. Que nunca percam a vergonha!

Todos temos de nos convencer que podemos mudar a vida para melhor. É trabalho de cada um e da ajuda dos Outros. O pior mal não é cair, mas sim ficar caído, ficarmos prostrados no chão.

Perante a situação destes menores delinquentes, tenho sentido mais a insuficiência dos nossos Tribunais. Parece não haver nada de escolas oficiais de regeneração para estas idades. Na cadeia comum aprendem, dos detidos adultos, tudo aquilo que ainda não sabiam. Os juízes têm consciência disto e procuram não os deter. Andam por aí à solta e continuam na delinquência.

O juiz que iria julgar estes três tinha-nos perguntado se os aceitaríamos. Depois de ouvir os mais velhos e também os três na cadeia, respondemos que sim. Passados poucos dias, o telefone tocou à noite. Perguntaram se ainda os poderíamos receber nessa noite. Uma hora depois chegava o carro fechado com eles. Íamos a caminho da sala de jantar. Recebemo-los à porta com lágrimas e sorrisos e abraços. Vamos continuar a ajudá-los.

Padre Horácio

A próxima venda do Jornal

Ocorrendo, este ano, no Tríduo Pascal, temos de alterar a sua data.

Depois de muitas hipóteses e de muitas opiniões (os vendedores são 17 e cada cabeça sua sentença!) acabámos por concluir que não havia remédio senão antecipá-la ou adia-la uma semana. De qualquer modo, teremos os rapazes nas ruas do Porto duas semanas seguidas e, consequentemente, uma ausência de três semanas.

Aproveitamos a presente edição para este aviso a fim de evitar surpresas aos nossos leitores mais sensíveis ao ritmo do Famoso.

Penso que esta notícia é também oportuna para as terras do Centro e do Sul onde a venda do próximo número terá, certamente, de também sofrer alterações.

terem novas companheiras. Rezei com elas pedindo ao Pai que mande operários para o meio dos Pobres. Deus

continua a interpelar... É preciso vencer as resistências que vamos encontrando.

Padre Manuel Cristóvão



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Março: 74.175 exemplares.